

Platão e Aristóteles: diferentes perspectivas da atividade mimética

Plato and Aristotle: different perspectives in mimesis activity

Gabriela Luft¹

Resumo

Aristóteles frequentou a Academia de Platão e a fidelidade ao mestre foi entremeada por críticas que mais tarde justificaria dizendo: “Sou amigo de Platão, mas mais amigo da verdade”. Os filósofos em questão são figuras cruciais no embate que cerca a constituição da base da teoria literária. Explorado desde a Antigüidade, o conceito de *mimesis* ganhou significações e funções diversas no decorrer dos séculos. Em sua *Poética*, Aristóteles não define a palavra, mas se pressupõe que a tomou emprestado de Platão em seu uso corrente, com o objetivo de observar diferenças na concepção do termo entre eles. A retomada de Platão e Aristóteles atenta para a necessidade de revisitação dos filósofos, cujas idéias são base para alguns dos grandes problemas que envolvem a teoria literária desde o seu surgimento, visto que constantemente dialogam com algumas visões modernas acerca da natureza da literatura e de sua relação com o objeto de arte. A questão da *mimesis* surge, assim, dentro de uma reflexão global que envolve criação e historicidade.

Palavras-chave: Platão. Aristóteles. Literatura.

Abstract

Aristotle attended the Academy of Plato and the fidelity to the master was permeated by critics, that later he justified saying: “I am Plato’s friend, but more a friend of truth”. The philosophers in question are crucial figures in the discussion that surrounds the base of the literary theory formation. Explorated since Antiquity, the concept of *mimesis* got various functions and meanings over the centuries. In his *Poetics*, Aristotle does not define the word, but he assumes that he borrowed it from Plato in its current use, in order to observe differences in the design of the term between them. The resumption of Plato and Aristotle call the attention to the need for revisitation of these philosophers, whose ideas are the basis for some of the major problems around the literary theory since its emergence, in constant dialogue with some modern views about the nature of literature and its relationship with the object of art. The question of *mimesis* is a reflection that involves creating and historicity.

Key words: Plato. Aristotle. Literature.

1 Diferentes perspectivas da atividade mimética: Platão X Aristóteles

Houve um período da Filosofia em que se desdobrou o antagonismo entre a Sofística, de um lado, e o pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles, de outro. Os sofistas são considerados os inventores da Retórica: são os profissionais da palavra, capazes de convencer mesmo quando a argumentação se põe em desacordo com a verdade. Sócrates, ao contrário, é tido como o “parteiro da verdade”, enquanto que Platão e Aristóteles procuraram demonstrar o que há de mera aparência de saber na Sofística. Ambos, de acordo com Souza, dedicaram-se à

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), área de Estudos Literários, especialidade de Literatura Comparada; bolsista do CNPq.

Retórica, disciplina vinculada à Sofística, “o primeiro, distinguindo entre as retóricas ilusionista (a da verossimilhança, de Górgias e demais sofistas) e filosófica (a da verdade); o segundo, escrevendo um tratado especialmente dedicado à citada disciplina”². O tratado em questão é, pois, a *Poética*.

Para uma compreensão do termo *mimesis*, a leitura do primeiro capítulo da *Poética* é o passo inicial: “A epopéia, a tragédia, assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da aulética e da citarística, todas são, em geral, imitações”³. A arte é, em geral, *mimesis*. Aristóteles apreende a palavra no uso corrente de Platão. No entanto, propõe-lhe outro significado.

Realmente, em seu diálogo *Górgias*⁴, Platão ensaia uma teoria sobre a Retórica, a qual seria capaz de absorver todas as expressões da linguagem. Batiza, assim, uma ciência, um saber – bajulador, adulator, desprezível. Para o filósofo, a poesia não é objeto a ser pensado separadamente.

Já em seu diálogo *Sofista*⁵, Platão distingue a atividade mimética em dois modos de “imitação”: cópia e simulacro. Tida como cópia, é apenas uma reprodução, não sendo perfeita como se apresenta no mundo das formas. O filósofo segue em direção à outra “imitação”, que não é a de produzir uma cópia, mas, sim, a reprodução dessa, papel assumido pelos artistas, cujas atividades consistem na realização de uma “cópia da cópia”, ou seja, de um simulacro. De modo geral, ao reproduzir o mundo sensível, os artistas não copiam a idéia correspondente ao que está sendo copiado, mas algo que já é cópia.

Através dessa perspectiva, para Platão a utilização do mito na produção literária, quando desprovida de uma orientação filosófica, poderia ser prejudicial. Ao criar uma espécie de “real aparente”, a arte distancia-se do caminho do “verdadeiro conhecimento”, visto que se mostraria em um discurso afastado da “verdade”. Dessa forma, do ponto de vista platônico, a arte é tida como simulacro em função de que ela é uma “imitação” infiel do mundo sensível que, por sua vez, é uma cópia do mundo das idéias.

² SOUZA, Roberto Acízelo de. *Formação da teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF, 1987, p. 36-37.

³ ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 201.

⁴ PLATÃO. *Górgias*. Lisboa: Edições 70, 2000.

⁵ Idem. *Sofista*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Diferentemente de Platão, Aristóteles compreende a atividade mimética de outra forma. Por isso, oferece uma tentativa de re colocação do problema. Para ele, toda espécie de arte é *mímesis*: imita caracteres, emoções e ações. Não se trata de uma “imitação” corruptível do sensível. Mesmo que a *Poética* não tenha como alvo o estudo da arte em geral, visto que está focada na arte da palavra, percebe-se uma abertura em comparação aos dois textos mencionados de Platão. Em Aristóteles, a compreensão de *mímesis* não está atrelada, como em Platão, a uma “imitação” do mundo sensível.

Aristóteles inicia sua obra considerando que a arte é, em geral, *mímesis*. No início do primeiro capítulo, distingue as artes sob três aspectos: “ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam por objetos diversos ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira”. Inicialmente, o filósofo apresenta os meios utilizados. No capítulo seguinte, apresenta-se o objeto da *mímesis* nas artes poéticas: “a imitação da ação humana”.

Assim, Aristóteles resgata a especificidade da poesia enquanto discurso, a qual é separada da retórica, saindo, assim, de um plano de negatividade. O filósofo preocupa-se com o conceito de verossimilhança – melhor se ter uma construção interna convincente através da criação de situações coerentes e necessárias do que simplesmente se copiar a realidade –, e tenta explicar o porquê da poesia poder ser considerada uma arte. Ao conferir *status* de arte para a *Poética*, realiza um texto normativo, um manual, uma verdadeira “oficina de tragédia”. Em seu manual, fornece ao leitor o que considera bons e maus exemplos no que se refere à tragédia e deixa clara a existência de uma técnica e de regras que podem ser ensinadas. Nesse sentido, pode-se afirmar que Aristóteles está lutando pela própria preservação da tragédia, a qual estava em crise em sua época.

Platão, por sua vez, reage. No livro X de sua *República*, reitera a representatividade e a falsidade que cercam o conceito de *mímesis*. A poesia só teria valor caso possuísse valor pedagógico, ou seja, fosse capaz de transmitir valores. Assim, no livro em questão, seus argumentos contra a arte são contundentes. Se antes a poesia era considerada “imitativa” e moralmente inferior, agora Platão afirma que há a necessidade de a recusar em absoluto na cidade. Para ele, a poesia não sabe o que “imita”, caracterizando-se como “uma brincadeira sem seriedade”. Na opinião do filósofo, os poetas são enganadores. Por isso, há o sentido

negativo e pejorativo do conceito de *mimesis*, que seria um simulacro, uma encenação, uma representação, um drama, cópia das aparências.

O autor de tragédias, se é um imitador, estará por natureza afastado três graus do rei e da verdade, assim como todos os outros imitadores. [...] Sendo assim, a imitação está longe da verdade e, se modela todos os objetos, é porque respeita apenas a uma pequena parte de cada um, a qual, por seu lado não passa de uma sombra.⁶

Em Aristóteles, o aprendizado mimético não se apresenta como um desvio perigoso a ser superado. Através de suas reflexões, o modo de conceber as artes poéticas ganha outro destaque, através da discussão dos elementos de necessidade e verossimilhança presentes na poesia. Ao tratar desses elementos, Aristóteles os analisará tendo em vista que a atividade de “imitar” encerra mais filosofia do que história. Em determinado capítulo da *Poética*, explicita a diferença de função entre o historiador e o poeta. A tarefa do poeta é a de apresentar aquilo que poderia acontecer. Sendo assim, sua função não é a de “imitar” baseando-se no “real”. Para o filósofo, a história distancia-se da poesia, pois o historiador narra aquilo que aconteceu, diferentemente do poeta. No entanto, tanto a história quanto a poesia são verossímeis, pois uma é aquilo que aconteceu e a outra aquilo que poderia acontecer.

Nas artes poéticas, o poeta “imita”, sobretudo, a ação. Há a distinção de duas espécies de arte, a tragédia, de caracteres superiores, e a comédia, de caracteres inferiores, que caminham lado a lado por possuírem a mesma característica: são *mimesis* da ação. Aristóteles escolhe, para seu estudo, a tragédia. Definindo-a e decompondo-a, apresenta seus principais elementos constitutivos para que esta possa atingir o efeito desejado: a catarse – suscitar “terror e piedade” para efeito de “purificação das emoções”.

Considerações finais

Como mencionado, o termo *mimesis* utilizado por Aristóteles pressupõe o uso atribuído por Platão. Chama atenção o tratamento dispensado à questão, que lhes é distinto. Para o último, em uma leitura tradicional, o sentido de *mimesis* é “reprodução”, “cópia da cópia”, simulacro, ou seja, um obstáculo a ser superado para o caminho do conhecimento. Aristóteles, porém, dá

⁶ PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 324-325.

ao termo uma importância maior, a ponto dele se tornar um conceito no interior da *Poética*. Contudo, a *mimesis* do poeta trágico não faz dele um mero imitador ou plagiador, como em Platão. Segundo Bosi,

Com Aristóteles instaura-se um modo técnico de conceber o texto de poesia: como se este fosse trabalhado, desde dentro, por um projeto que visasse a produzir determinados efeitos (o épico, o trágico, o cômico...) mediante o uso de determinados meios: a flauta ou a cítara; o pé jâmbico ou o pé trocaico; a unidade de tempo, a unidade de ação. (...) Se há meios, instrumentos, recursos, procedimentos da linguagem artística, então é possível dizer, ainda, que a posteriori, em tempo de análise, que a composição e a elocução do poema obedeceram a regras. Há um saber que se pode classificar e transmitir, um saber que pode virar norma.⁷

Portanto, a *mimesis* é, para Aristóteles, ativa e criativa, sendo a catarse um efeito suscitado pela tragédia no público. Se, em Platão, a imitação é considerada distanciamento da verdade e lugar de falsidade, em Aristóteles, a imitação é o lugar do reconhecimento e da “verossimilhança”.

É bastante significativa, portanto, esta reflexão das vozes de Platão e Aristóteles sobre literatura. Compará-los através de suas obras e de seus descendentes teóricos⁸ é estabelecer a relação dialógica necessária para a compreensão dos textos. Assim, a questão da relação pendular da *mimesis* continua sendo espaço de conflito e de divergências sobre como compreender a literatura e a sua relação com a chamada realidade.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

⁷ BOSI, Alfredo. Entre a retórica e a poesia. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *A tradição sempre nova*. São Paulo: Ática, 1976, p.12.

⁸ Antoine Compagnon, em seu livro *O demônio da teoria* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 96 a 115), propõe, em determinado capítulo, a questão da *mimesis* e, portanto, a relação da literatura com a realidade, tendo em vista já o olhar contemporâneo, ou seja, o olhar que o séc. XX consagrou. Citando alguns críticos do formalismo russo, do estruturalismo e do pós-estruturalismo, entre outros, Compagnon, didaticamente, vai definindo a *mimesis* hoje, sustentando o argumento de que a obra literária possui sua *mimesis* interna ao texto, que é exatamente a da relação do texto com os outros textos, na base de que texto algum é original. O fato é que vários teóricos contemporâneos tentaram recuperar a questão da *mimesis*, que se relaciona com o conceito de verossimilhança, discutido por autores como Ingarden, Jakobson, Barthes, Genette, Northrop Frye, Gadamer. O alemão Erich Auerbach, em *Mimesis* (1946), também analisa a relação do texto literário com o mundo. É talvez Jacques Derrida quem propõe uma reflexão mais radical sobre o conceito de *mimesis*: o real é, em síntese, uma replicação do que já está descrito, recontado, expresso na própria linguagem.

BOSI, Alfredo. Entre a retórica e a poesia. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *A tradição sempre nova*. São Paulo: Ática, 1976.

PLATÃO. *Górgias*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Sofista*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Formação da teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF, 1987.